Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

# CENAS ANTIDEMOCRÁTICAS:
## manifestações neoliberais e neoconservadoras nos currículos escolares

*Anderson Neves dos Santos*
*Juliana Lazzaretti Segat*
*Marcio Caetano*

**Resumo**
O artigo objetiva investigar as expressões da aliança entre neoliberalismo e neoconservadorismo nos debates sobre as políticas curriculares da educação básica. Para isso, a partir de pesquisa bibliográfica, buscamos, em um primeiro momento, explorar meandros dessas racionalidades e suas alianças, pensando em como reverberam no campo da educação. Como destaque, apresentamos os projetos ligados ao *homeschooling* e à militarização das escolas. Após, por meio de uma abordagem qualitativa e fazendo uso da metodologia de pesquisa narrativa, compartilhamos duas cenas do cotidiano escolar, vivenciadas por professoras/es da educação básica. A partir disso, propomo-nos a problematizar como os projetos neoliberal e neoconservador se expressam nas disputas em torno dos currículos. A partir de uma perspectiva pós-crítica e dos estudos *nosdoscom* os cotidianos, apresentamos uma concepção de currículo que extrapola os documentos e políticas formais. Os currículos são, assim, articulados como território de disputas, que são praticados nos cotidianos em que convivem diferentes culturas e redes formativas. Observamos que tais projetos estão cada vez mais presentes, afetando os cotidianos das escolas. No entanto, as/os praticantes, nesse *espaçotempo*, por meio de *táticas*, vão criando resistências ao que se tenta ali instituir.
**Palavras-chave:** escolas; extrema direita; democracia; *homeschooling*; militarização.

# ANTI-DEMOCRATIC SCENES:
## neoliberal and neoconservative manifestations in school curriculums

**Abstract**
The article aims to investigate the expressions of the alliance between neoliberalism and neoconservatism in the debates on basic education curriculum policies. To this end, based on bibliographical research, we first sought to explore the intricacies of these rationalities and their alliances, thinking about how they reverberate in education. As a highlight, we present projects linked to homeschooling and the militarization of schools. Then, using a qualitative approach and narrative research methodology, we share two scenes from everyday school life, experienced by basic education teachers. We then set out to problematize how the neoliberal and neoconservative projects are expressed in the disputes over curricula. Then, from a post-critical perspective and studies of everyday life, we present a conception of curriculum that goes beyond formal documents and policies. Curriculums are thus articulated as a territory of disputes, practiced in everyday life where different cultures and training networks coexist. We see that these projects are increasingly present, affecting the daily life of schools. However, the practitioners in this *spacetime*, through *tactics*, are creating resistance to what is being tried to be instituted there.
**Keywords**: schools; extreme right; democracy; homeschooling; militarization.

# ESCENAS ANTIDEMOCRÁTICAS:
## manifestaciones neoliberales y neoconservadoras en los currículos escolares

**Resumen**
El artículo se propone investigar las expresiones de la alianza entre neoliberalismo y neoconservadurismo en los debates sobre políticas curriculares de educación básica. Para ello, a partir de una investigación bibliográfica, buscamos, en primer lugar, explorar los entresijos de esas racionalidades y sus alianzas,

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

pensando en cómo reverberan en el campo de la educación. Como punto culminante, presentamos proyectos vinculados al *homeschooling* y a la militarización de la escuela. A continuación, utilizando un enfoque cualitativo y una metodología de investigación narrativa, compartimos dos escenas de la vida escolar cotidiana, vividas por profesores de enseñanza primaria. Próximamente, nos proponemos problematizar cómo los proyectos neoliberales y neoconservadores se expresan en las disputas por los currículos. Seguidamente, desde una perspectiva postcrítica y estudios de la vida cotidiana, presentamos un concepto de currículo que va más allá de los documentos formales y las políticas. Los currículos se articulan como un territorio de disputas, que se practican en la vida cotidiana donde coexisten diferentes culturas y redes de formación. Vemos que estos proyectos están cada vez más presentes, afectando a la vida cotidiana de las escuelas. Sin embargo, los practicantes en este *espaciotiempo*, a través de *tácticas*, están creando resistencia a lo que allí se intenta instituir.
**Palabras clave**: escuelas; extrema derecha; democracia; *homeschooling*; militarización.

## INTRODUÇÃO

O neoliberalismo e o neoconservadorismo têm sido frequentemente tematizados em pesquisas de diferentes campos, não sendo diferente na educação. Nessa, os diálogos têm sido tão intensos quanto suas influências nas políticas educativas, sobretudo na gestão e nos currículos. Para Peroni, Caetano e Valim (2021, p. 2), as relações entre o público e o privado, na área da educação, representam "[...] parte da materialização das correlações de forças que ocorrem na sociedade em um período particular". Tanto o neoliberalismo como o neoconservadorismo possuem projetos societários que buscam restaurar o poder de classe (Peroni, Caetano, Valim, 2021), assim como os privilégios ameaçados pela paulatina conquista de direitos por grupos considerados vulneráveis, como mulheres cisgêneras, populações negra, indígena, lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, intersexual e outras dissidências sexuais (LGBTI+).

Para concretizá-los, mais do que impor um projeto político-econômico e um modelo de governo empresarial, essas racionalidades tentam produzir sujeitos e conduzir condutas. Assim, atuam, concomitantemente, no nível social e no nível das subjetividades. Nesse cenário, a educação aparece como campo de disputa privilegiado para sua consecução, tanto no que diz respeito à disseminação da lógica do empreendedorismo de si, própria do neoliberalismo, como no que diz respeito à naturalização de desigualdades e à defesa de uma moral tradicional com vistas à proteção do indivíduo e da família *cisheteropatriarcal*.

Diante disso, sobretudo na última década, temos assistido a uma guinada de uma extrema direita ressentida e neoliberal, que se esforça para esgarçar o tecido social e enfraquecer lutas contra desigualdades. O contexto social, histórico e cultural tem sido, assim, permeado por um ideário avesso à justiça social, à vida coletiva e à convivência entre diferentes visões de mundo. Isso, por sua vez, constrói redes de formação e significação que se atravessam nos currículos, não sem resistências, da educação básica.

Currículo é aqui entendido para além de documentos e políticas formais. Configura-se como território de disputa e tensões entre diferentes saberes e campos de significações em redes, possuindo uma dimensão cultural. Os currículos são realizados (Ferraço, 2008, 2011; Ferraço, Perez, Oliveira, 2008) e praticados dentro de contextos sociais, históricos, culturais e econômicos interconectados e influentes, não se podendo negar, pois, as influências neoliberais e

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

neoconservadoras que os permeiam. Trata-se de um processo cultural dinâmico que é continuamente (re)criado e (re)significado pelos sujeitos e redes cotidianas em que é praticado.

Ante essas concepções, propomo-nos pensar nas manifestações dos projetos societários neoliberal e neoconservador em currículos praticados na educação pública básica. Valemo-nos, para tanto, das narrativas de experiências de duas professoras que relacionamos a projetos de cunho neoconservador, quais sejam: o *homeschooling,* o Escola sem Partido[1] e a militarização das escolas.

O artigo está organizado em duas seções: i) primeiro, dedicamo-nos a compreender a aliança antidemocrática firmada entre neoliberalismo e neoconservadorismo e sua reverberação na educação; ii) após, apresentamos a narração de duas *cenas* escolares que retratam narrativas de professoras de escolas públicas da educação básica, articulando tais experiências com as análises teóricas, a fim de pensar sobre as influências daquela aliança nos currículos. Discutimos as problematizações acerca da compreensão de currículo, explorando-o a partir de uma perspectiva pós-crítica e dos estudos *nosdoscom*[2] os cotidianos. Para tanto, buscamos a articulação das ferramentas das pesquisas bibliográficas e narrativas (Paiva, 2008), a fim de alcançar os nossos objetivos.

O caminho *políticoepistemológico* de refletir a produção de conhecimentos a partir e por meio das narrativas docentes tem nos levado ao movimento de mobilizar as experiências para com elas compreender as criações curriculares que são produzidas *nosdoscom* os cotidianos escolares. Nessa direção, reiteramos o esforço de que as histórias e narrativas das escolas não podem e não devem ser ditas de um único modo e forma. Elas são fundamentalmente plurais, criadas de distintas maneiras de *viversentirrefletir* os seus espaços (Melgar Junior, Correa, Neves, 2021). Essa situação nos remete à afirmação de Adichie (2019, p. 26) de que "[...] a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que a história se torne a única história". Assim, buscamos, com as narrativas, multiplicar as diferentes experiências que são produzidas com as escolas.

## NEOLIBERALISMO E NEOCONSERVADORISMO: ALIANÇA ANTIDEMOCRÁTICA DA EXTREMA DIREITA E SUAS REVERBERAÇÕES NA EDUCAÇÃO

O neoliberalismo está associado à ideia de um suposto Estado mínimo, que não intervém na economia, exalta a liberdade, privatiza a propriedade e os serviços públicos, reduz o Estado social, diminui direitos trabalhistas e outros direitos sociais, naturaliza desigualdades, reduz carga tributária para empresas e desregula o capital (Brown, 2019). No entanto, mais do que uma política econômica, com base em Foucault, Brown (2019, p. 30-31) menciona que o neoliberalismo consiste em uma racionalidade política, segundo a qual "[...] princípios de mercado se tornam princípios de governo aplicados no e pelo Estado, mas também que circulam através de instituições e entidades

[1] Em algumas experiências em que foram aprovadas e sancionadas leis em torno do tema, quando judicializadas, a exemplo da Lei nº 7.800/2016 de Alagoas, foram consideradas inconstitucionais pelo Superior Tribunal Federal e perderam os seus efeitos regulatórios. No Congresso Nacional, tramitaram alguns projetos de lei que foram arquivados na última legislatura, mas suas ideias se fazem sentir nos cotidianos das escolas produzindo efeitos nas práticas pedagógicas, não sem resistências, de professoras e professores.

[2] Inspiradas/os em Alves (2001), escrevemos expressões que unem palavras, na tentativa de superar as dicotomias herdadas do discurso hegemônico da modernidade e, ao mesmo tempo, possibilitar a criação de novos significados a partir dessa combinação.

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

em toda sociedade" – incluindo as escolas –, incidindo nos modos como os sujeitos são subjetivados e significam suas experiências.

Esse processo leva à financeirização de toda forma de vida e à empreendorização não só do próprio Estado e suas instituições, mas também dos sujeitos. Disso decorre, a um só tempo, uma renovação do capitalismo, assim como uma alteração de valores que conduzem condutas e produzem sujeitos e seus desejos (Brown, 2019; Safatle, Silva Júnior, Dunker, 2019). Podemos dizer, então, que o neoliberalismo fala sobre um modo de vida, uma engenharia social, cuja proposta é a de uma individualização baseada no modelo empresarial, contrária à vida associativa e à solidariedade comunitária (Safatle, Silva Júnior, Dunker, 2019; Safatle, 2019; Brown, 2019).

Embora se diga mínimo, o neoliberalismo precisa da existência de um Estado forte para sua manutenção. A questão, para Safatle (2019), não é a não intervenção estatal, mas, sim, em que setores ela ocorrerá. Para garantir a liberdade dos mercados, mostra-se necessário intervir em outros setores – como a educação – para despolitizar a sociedade, a fim de evitar perturbações relacionadas, sobretudo, à luta de classes e identidades políticas minoritárias. Assim, há uma intervenção estatal profunda na configuração dos conflitos sociais e na subjetivação dos/as cidadãos/ãs, enfraquecendo movimentos e ações que visem questionar a desregulação dos mercados e os efeitos sociais que disso decorrem (Safatle, 2019). As intervenções, portanto, se dão em dois níveis: no social e no psíquico (Safatle, 2019).

O neoliberalismo se alimenta de crises (Peroni, 2020) por ele próprio engendradas. Com a crise financeira de 2008, a classe trabalhadora branca foi atingida, de modo que uma reinvenção se fez necessária. Era necessário "[...] culpar o governo e o Estado social pela catástrofe econômica" (Brown, 2019, p. 13). Para cumprir esse intento, através dos meios de comunicação de direita e redes sociais, foi possível unir movimentos antes isolados: racistas, nacionalistas, fascistas, misóginos, defensores da família *cisheteropatriarcal* e da ditadura, segmentos de fundamentalistas religiosos, empresários. Emerge, aí, um novo populismo de direita, raivoso e ressentido em relação aos privilégios destronados que "[...] a branquitude, a cristandade e a masculinidade garantiam àqueles que não eram nada nem ninguém" (Brown, 2019, p. 13). A culpa por isso passou a ser debitada nas políticas sociais destinadas a diminuir desigualdades diversas e a aumentar a inclusão.

> Os danos das políticas econômicas neoliberais foram assim manipulados na imagem de suas próprias perdas, espelhada no descaminho da nação. Era a imagem de um passado mítico de famílias felizes, íntegras e heterossexuais, quando mulheres e minorias raciais sabiam seus lugares, quando as vizinhanças eram ordeiras, seguras e homogêneas [...] e quando a cristandade e branquitude hegemônicas constituíam a identidade, o poder e o orgulho manifestos da nação e do Ocidente (Brown, 2019, p. 13).

Das ruínas do neoliberalismo clássico, emergiu com força um neoliberalismo remodelado (Brown, 2019), que alimentou, também, um neoconservadorismo antidemocrático. Neoconservadores/as acreditam que a crise econômica tem origem em crises morais associadas à interferência do Estado na economia e em políticas sociais ligadas ao trabalho e à família (Silva, Ferrari, Caetano, 2022); em última análise, ligadas à manutenção da democracia – aqui entendida como igualdade política (Brown, 2019).

Com base em Harvey (2008) e Lacerda (2019), Peroni (2020) destaca que, em comum, neoliberalismo e neoconservadorismo apoiam o individualismo (em contraposição ao coletivo), o poder corporativo, um ideário privatista (tanto das famílias como das corporações), a restauração

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

do poder de classe, a desconfiança da democracia e a governança pelas elites. Também, ambos compreendem as desigualdades econômicas e sociais como inerentes à própria existência (Silva, Ferrari, Caetano, 2022), sendo necessárias a uma certa *ordem* econômica e social, que é hierarquicamente branca, capitalista, judaico-cristã e *cisheteropraticarcal*.

Como diferença, o principal ponto parece ser a exigência, por neoconservadores/as, de uma pretensa ordem em resposta ao caos criado pela desregulação do capital no neoliberalismo (Peroni, 2020), havendo, aí, uma complementação. Peroni, Caetano e Valim (2021) referem que, ao caos social e civilizatório gerados, neoconservadores/as respondem com punitivismo e exigência de fortalecimento da família tradicional. Assim, discursos aparentemente opostos vão se aliando num movimento antidemocrático, complementando-se na busca por demonizar o social e o político e valorizar uma "[...] moralidade tradicional e o mercado como seus substitutos" (Brown, 2019, p. 15).

Considerando a existência de disputas entre diferentes projetos societários, a educação mostra-se como campo privilegiado, pela extrema direita, para avançar na construção do projeto neoliberal e neoconservador. Nos últimos anos, temos assistido ao resgate, à propositura e/ou à implementação de diversos projetos educativos de cunho neoliberal e neoconservador, que visam restaurar um *status quo* supostamente colocado em risco pela conquista de direitos por minorias político-sociais.

No tocante ao atual projeto neoconservador, que nos interessa especialmente aqui e que, como visto, não pode ser lido descolado do contexto neoliberal que lhe deu ensejo, destacam-se projetos liderados pelo Movimento Escola Sem Partido com a tentativa de criminalizar moralmente o debate em torno das categorias de *gênero* e *sexualidade*. Entre outros exemplos, citamos aqui a educação domiciliar (*homeschooling*), cujo projeto de lei está em trâmite no Congresso Nacional (PL 1338/2022), já tendo sido aprovado na Câmara de Deputados e com promessa de votação no Senado Federal para o ano de 2024. De acordo com o veiculado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) durante o governo de Jair Bolsonaro, o *homeschooling* se caracteriza como sendo "[...] uma modalidade de ensino em que pais ou tutores responsáveis assumem o papel de professores dos filhos. Assim, o processo de aprendizagem dessas crianças é feito fora de uma escola" (Brasil, s. a.). No Brasil, conforme analisam Cechetti e Tedesco (2020), o pleito pela educação domiciliar está intimamente conectado a valores religiosos judaico-cristãos fundamentalistas, atualizando o debate sobre a quem compete a educação de menores e conflitos históricos como Igreja x Estado, público x privado, estado laico x estado confessional.

> Não por acaso, movimentos como o Escola sem Partido e contrários à "ideologia de gênero" também defendem o *homeschooling* como modelo ideal de educação, já que ambos se fundamentam no mesmo princípio, qual seja: de que a formação dada pela escola não deve interferir nos princípios e nos valores adotados pela família (Cechetti, Tedesco, 2020, p. 4).

A educação domiciliar apresenta, assim, uma incompatibilidade com necessidades do desenvolvimento humano e democrático, como o convívio das diferenças, a socialização entre pares e o ensino de controvérsias (Moreira, Moura, Teixeira, 2022), além de privar crianças de proteção contra violências. Moreira, Moura e Teixeira (2022) apontam, ademais, que a legalização do *homeschooling* tem impacto simbólico, por privatizar o direito público à educação e colocar valores morais individuais acima de valores coletivos.

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

Além desse, outro projeto de cunho neoconservador é o processo de militarização das escolas. Embora o modelo de militarização da educação tenha iniciado no começo dos anos 2000 e já estivesse em curso em diferentes estados, aprofundou-se e intensificou-se quando Jair Bolsonaro assumiu a presidência em 2019. Um dos primeiros e principais atos no campo da educação no primeiro ano de seu governo foi a assinatura do decreto presidencial nº 10.004/19, o qual criou o Programa Nacional de Escolas Cívico-Militares, destinado a transformar escolas públicas em cívico-militares. Ao contrário de escolas e colégios *militares*, que se vinculam a órgãos como Forças Armadas e Polícias Militares estaduais e, apenas, às Secretarias de Segurança, as escolas *militarizadas*, ou cívico-militares, são caracterizadas pela gestão compartilhada entre Secretarias de Educação (responsáveis pela gestão administrativa e pedagógica) e Secretarias de Segurança Pública (responsáveis pela gestão disciplinar e pela coordenação de atividades extracurriculares). Desse modo, também nessas últimas temos a presença de militares atuando "[...] na supervisão e na monitoria do cotidiano escolar, realizando o controle da disciplina e promoção de práticas alusivas às rotinas militares" (Santos, 2020, p. 11).

Independente de essas propostas estarem ou não respaldadas por lei, os discursos por elas engendrados reverberam no fazer docente e nos processos de *aprenderensinar* (Alves, 2003). Por um lado, interditam práticas e a circulação de determinadas visões de mundo, tanto de profissionais, como de estudantes. Por outro lado, controlam comportamentos e perspectivas político-ideológicas (Peroni, Caetano, Valim, 2021). Assim, conectam-se à agenda neoliberal e neoconservadora no seu apelo à padronização, ao desempenho e à eficiência, à tradição e à moral, ao controle sobre os corpos e sobre os currículos (Santos, 2020). Elas se alimentam e disseminam um *pânico moral*, incentivando a fiscalização das ações pedagógicas, em especial por parte das famílias, ao argumento de que "'[...] a doutrinação ideológica' de esquerda é inimiga da família e do cristianismo" (Caetano, Silva Junior, 2020, p. 837).

Nesse contexto cultural, neoliberalismo e neoconservadorismo, consolidados enquanto base político-ideológica da extrema direita, tentam barrar a promoção de direitos humanos, democracia e pensamento crítico *dentrofora* das escolas, buscando interferir nos currículos nela praticados.

## EXPRESSÕES DOS PROJETOS NEOLIBERAL E NEOCONSERVADOR: CENAS ESCOLARES

Neste momento, utilizando uma abordagem qualitativa e a pesquisa narrativa como método, objetivamos articular os pontos teóricos acima expostos, a fim de investigar expressões do neoliberalismo e neoconservadorismo em aliança na disputa do *espaçotempo* do cotidiano escolar. De acordo com Paiva (2008, p. 4), a pesquisa narrativa "[...] consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno". Tal posição é reiterada por Alves (2003, p. 66) quando menciona que "[...] as narrativas sobre escolas feitas por seus praticantes", em especial professoras com quem temos a oportunidade de conversar, podem nos ajudar a conhecer, estudar e compreender os cotidianos escolares.

Aqui, as narrativas descrevem experiências que dizem respeito a duas professoras da educação pública básica, cujas identidades e unidades federativas não serão aqui divulgadas a fim de preservar o sigilo e atender aos preceitos éticos em pesquisa com as envolvidas.

As escolas como *temposespaços* de prática social educativa criam e recriam diferentes atividades que podem forjar a cultura ordinária, aquela que está fora da determinação e do

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

ordenamento da oficialidade. Elas implementam ações que reconfiguram as normas por meio dos protagonismos diários. As ações escolares podem ser vistas como *cenas* que (des)constroem a cultura escolar e afetam as experiências educacionais. Elas mobilizam *saberesfazeres* de estudantes e professoras/es em suas interações e processos de aprendizagem. As *cenas*[3] das quais nos apropriamos e propomos a análise, não são quaisquer cenas, mas aquelas que de modo significativo marcaram e ainda marcam as escolas pesquisadas e aquelas/es que delas fazem parte.

A *Cena 1* aconteceu em uma escola pública periférica que oferta os anos iniciais do ensino fundamental. A escola desenvolve um projeto de leitura, previsto na sua proposta pedagógica, em que várias obras literárias são trabalhadas com as/os estudantes por meio de ações que incentivam o acesso e o gosto pelos livros infanto-juvenis. Tratam-se de obras literárias voltadas para os públicos das escolas públicas de todo o Brasil, entregues às instituições de ensino pelo Ministério da Educação e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação como parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

Entre as ações, destacam-se a participação semanal das turmas na sala de leitura da escola e a contação de diferentes histórias em sala de aula e em outros espaços coletivos, como no pátio da escola. Além dessas ações, uma vez por semana, cada estudante escolhe um livro de seu interesse para levar para casa, realizar suas leituras e fazer alguma atividade escrita sobre os enredos lidos. As atividades escritas envolvem preenchimento de fichas com questionamentos sobre a história do livro, descrições e opiniões do/a estudante leitor/a, mas também são solicitados a produção de desenhos, relatos e outras atividades que visam avaliar a leitura e a escrita.

Numa turma de 5º Ano, a professora acessou alguns livros da escola e os disponibilizou na sala de aula para que cada estudante escolhesse um livro e levasse para casa para ler e preencher uma atividade escrita. Uma das estudantes escolheu o livro "Coisa de menina ou coisa de menino" da autora Pri Ferrari (2017). É uma obra infantil que aborda questões de gênero e expectativas socioculturais de maneira acessível e educativa. A autora usa uma narrativa simples com ilustrações significativas para problematizar os papéis tradicionais de gênero, como o que é considerado *coisa de menino* ou *coisa de menina*.

Na história, Ferrari (2017) apresenta situações e personagens que desafiam estereótipos e mostram que os interesses e atividades não têm um gênero específico. Além disso, o livro também busca fomentar a empatia e a compreensão entre crianças, ajudando-as a desenvolver uma visão inclusiva e igualitária. É uma leitura que pode ser explorada na escola, nas famílias ou em qualquer outro espaço para discutir questões de gênero com crianças.

Ao escolher o livro, levá-lo para casa, lê-lo e compartilhar com a família, uma estudante foi surpreendida pela reação familiar. A mãe recolheu o livro da sua filha (estudante), foi até a escola dirigindo-se pessoalmente à sala da direção, onde expôs suas convicções religiosas e exigiu a remoção da obra do acervo escolar. Diante da insistência da mãe para que a leitura e as atividades relacionadas ao livro fossem proibidas, a escola decidiu, após uma reunião com a direção, a coordenação pedagógica e a professora da estudante, retirar temporariamente o livro do acesso das crianças. Meses depois, como parte de uma intervenção pedagógica, foram desenvolvidos projetos interdisciplinares inseridos na proposta oficial da escola. Essas ações educativas foram elaboradas

[3] Temos consciência de que essas *cenas* não podem, nem devem, ser generalizadas, mas acreditamos que são ricas para gerar reflexões sobre os temas aqui propostos.

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

para promover o debate sobre questões de gênero, refletindo um compromisso com a diversidade e a inclusão.

Ao tentar influenciar a escola para proibir a discussão de temas considerados ideológicos e para promover um suposto ensino neutro e isento de inclinações políticas, consideramos que houve uma intromissão de valores religiosos da família na instituição de ensino. Isso se traduz na tentativa de definir o que pode ou não ser ensinado, interferindo na autonomia pedagógica da escola.

Essa *cena 1* aponta para a influência dos projetos da extrema direita, a exemplo do projeto Escola sem Partido e da educação domiciliar (*homeschooling*) na escola. Embora esses projetos, que visam limitar a atuação da escola e a discussão de temas importantes como gênero e sexualidade, ainda não tenham sido aprovados em nível federal, as iniciativas cotidianas e as vigilâncias constantes continuam refletindo os princípios do projeto nos cotidianos escolares. Os discursos de liberdade educacional que embasam famílias a praticar o *homeschooling* têm conexão com argumentos morais individuais e religiosos que também foram trazidos pela família na cena descrita. O que se observa é o intento de proteger a menor do contato com aquilo que contraria suas crenças e tem o potencial de produzir questionamentos, ou reflexão crítica, relativamente à forma como a família vive e sustenta suas práticas. Subjaz àqueles projetos uma noção de que a família é *dona* da criança/adolescente em formação, podendo decidir com quais visões de mundo, valores e princípios terão contato (Miguel, 2016), o que, aliás, percebemos nas contestações da *cena* 1. Há, por meio desse processo, o fortalecimento da família tradicional desejada pelo neoconservadorismo.

Características caras ao ideal neoconservador, como a suposta neutralidade ideológica, a proibição da *doutrinação* e a implementação de currículos técnicos e supervisionados, foram exigências impostas à escola quando a mãe da estudante reclamou do assunto tratado no livro trabalhado pela escola. Da mesma forma, tanto o projeto Escola sem Partido quanto o *homeschooling* propõem tais características para a organização do trabalho pedagógico. Isso se coaduna ao individualismo característico da aliança em análise, privando estudantes do seu direito ao convívio com diferentes visões de mundo, a fim de oportunizar a produção autônoma de suas próprias ideias (Miguel, 2016). O contexto, portanto, denuncia a tentativa de produção de sujeitos intolerantes à diferença, justamente a partir da negação da convivência com a diversidade de visões de mundo.

Outra cena, que chamamos de *cena 2*, acontece em uma escola cívico-militar, localizada na periferia, que adota o modelo de ensino militarizado compartilhado. A dinâmica da escola, segundo informações das professoras, segue procedimentos como: batida de continência com as/os estudantes em posição de sentido na hora cívica; comando em marcha; apresentação da turma ao/à professor/a e apresentação pessoal das/os estudantes. Essas condutas são vistas nos cotidianos da escola e constam em documento denominado Manual do Aluno.

Nessa escola, em uma sexta-feira, estudantes do 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio prepararam e expuseram cartazes pela escola em comemoração ao Dia da Consciência Negra. Os murais da instituição foram preenchidos com homenagens a personalidades negras, além de desenhos, textos e charges abordando o racismo. Entre os materiais expostos, havia uma imagem do chargista Carlos Latuff. Os trabalhos destacavam críticas ao racismo estrutural e à violência policial.

Na segunda-feira seguinte, o diretor disciplinar da escola, um profissional de segurança pública, solicitou a uma das gestoras pedagógicas que fossem retirados os murais com charges que faziam críticas à atuação da Polícia Militar. No entanto, a resposta foi que os cartazes não seriam

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

removidos, pois eram trabalhos produzidos por estudantes a partir de suas pesquisas. Foi explicado ao diretor que as críticas apresentadas não se referiam diretamente à escola, mas, sim, aos contextos periféricos vivenciados diariamente pelos estudantes em relação à violência policial e ao racismo.

A gestora apresentou a proposta de trabalho desenvolvida, que incluiu não apenas a exposição dos cartazes, mas também debates sobre o tema nas salas de aula, atividades escritas, uma roda de capoeira e um desfile de moda afro. Além disso, contou com a participação de uma estudante do Quênia, que compartilhou suas experiências e trançou o cabelo das estudantes. A gestora pedagógica da escola sugeriu que essa fosse uma oportunidade para abrir um diálogo com o corpo discente sobre o assunto, propondo reunir todas/os na quadra para um debate mais amplo.

Apesar das justificativas sobre as atividades e os objetivos das exposições das/os estudantes alinhados ao projeto político-pedagógico da escola, o profissional de segurança pública que atuava na instituição informou seus superiores sobre a necessidade de retirar os cartazes. A situação ganhou destaque em outros âmbitos institucionais, como as Secretarias de Educação e de Segurança Pública, além de ser divulgada na mídia. Políticos de diversas ideologias também se envolveram. Um deputado federal fez a defesa dos policiais com intimidações à gestora pedagógica, argumentando que as exposições estudantis retratavam policiais de maneira criminosa, o que considerava incompatível com a realidade das ruas.

Os acontecimentos resultaram em contínuas tensões entre policiais, estudantes e professoras/es. A situação agravou-se a ponto de ocorrer agressões físicas dentro da escola, incluindo o uso de *spray* de pimenta contra as/os estudantes. Essa *cena 2* trouxe várias implicações ao cotidiano escolar como o afastamento e, depois de meses, o retorno da gestora. Foram feitas intervenções, pelos militares, junto ao corpo docente com o intuito de definir conteúdos e abordagens acerca de temas com cunho político.

A *cena 2* demonstra a militarização da escola pública com a implementação de regras e normas rígidas nos cotidianos da escola. São interesses em promover um ambiente de ordem e controle, semelhante à disciplina militar. Isso está diretamente vinculado à proposição de um modelo de educação alinhada aos fundamentos neoliberais e neoconservadores, que objetivam eliminar da escola os processos democráticos e o pensamento crítico (Peroni, Caetano, Valim, 2021, p. 14), assim como práticas que questionem e transgridam as fronteiras do pensamento hegemônico. A disciplina rígida sob pena de punitivismo ronda a escola como forma de controlar comportamentos e as chances de convivência democrática das diferenças identitárias, políticas e ideológicas.

Vemos, na *cena 2*, o controle do conteúdo, do trabalho docente e da gestão democrática, inclusive ultrapassando as linhas da proposta cívico-militar de, supostamente, não intervir no campo pedagógico. Conforme Peroni, Caetano e Valim (2021, p. 14), a militarização das escolas traz consigo "[...] a tentativa de padronização de atitudes, comportamentos e modos de pensar, impedindo a expressão da diversidade [...] e o exercício democrático de convivência com diferentes [...] perspectivas políticas e ideológicas". Diante da *cena 2*, compreendemos que a militarização da escola, que se caracteriza a partir do treinamento, da uniformização, do treinamento físico e da disciplina, da conexão com os valores cívicos e militares, assim como os valores do modelo hegemônico de família, apresenta um projeto explícito de doutrinamento que está associado ao neoconservadorismo e ao neoliberalismo ao policiar a formação crítica das/os estudantes. Além disso, é nos marcos do projeto Escola sem Partido, sob um regime de controle e coerção, que os

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

militares estão na escola, intrometendo-se na organização do trabalho pedagógico e na formação das/os estudantes.

É relevante lembrar que, para obter sucesso na empreitada da extrema direita, não basta apenas colocar em curso medidas impostas desde cima, é preciso, também, transformar o consenso político, o senso comum e os desejos dos sujeitos para que haja adesão e não questionamento desse projeto. É dizer, neoliberalismo e neoconservadorismo dependem "[...] da produção de sujeitos que entendem como naturais as formas de precarização social (Silva Junior, 2019, p. 266) e as desigualdades de classe, gênero, raça, sexualidade, condições físicas etc.

As *cenas* das duas escolas mobilizam debates acerca das incidências das políticas neoconservadoras alinhadas ao neoliberalismo na educação brasileira. Assim como as cenas apresentadas nesse texto, muitas outras podem estar acontecendo em outras escolas do país, não de modo repetitivo, mas com invenções produzidas por seus sujeitos. Essas escolas, atravessadas pelos ideais neoconservadores, produzem cenas de embates e silenciamentos que negligenciam e constrangem estudantes e profissionais da educação quando não reconhecem e não legitimam a diversidade de suas culturas, identidades e subjetividades. Os currículos são, assim, alvo de vigilâncias constantes.

As imposições às escolas se opõem a uma suposta doutrinação político-ideológica de esquerda e à famigerada "ideologia de gênero". Mesmo que propostas com esses escopos sejam antigas, desde o governo Jair Bolsonaro ganharam novo gás, focando nas disputas pelo conteúdo da educação pública, pelo controle da atividade docente (Caetano, Silva Junior, 2020) e de comportamentos discentes.

Por outro lado, na dinâmica sociocultural e nas (re)criações produzidas nas escolas, temos cotidianos marcados por resistências. Na *cena 1*, a escola não recuou nem deu o assunto por encerrado. Ela criou suas *táticas* (Certeau, 2008), com respostas criativas, para o enfrentamento às ações neoconservadoras. Após o acontecimento, surgiu a necessidade de debater questões de gênero na escola. O incidente levou a instituição a repensar um tema que, embora presente no cotidiano escolar, não tinha sido abordado de maneira legítima. Dessa forma, podemos considerar que a escola mobilizou novos *fazeressaberes* e práticas pedagógicas em relação à temática de gênero.

Na *cena 2*, a escola também demonstrou resistência ao não cumprir uma ordem recebida. As exposições das/os estudantes foram ações de resistência à violência policial e ao racismo que enfrentam dentro e fora do espaço escolar. Essas marcas estão presentes nos cotidianos escolares, onde seus sujeitos se destacam como agentes de resistência e protagonistas em suas experiências escolares. A escola, através das/os estudantes e professoras/es, navegou pelas estruturas de poder e regras estabelecidas, empregando táticas para desafiar e reinterpretar um sistema dominado por estratégias. Pela imprevisível criatividade dos sujeitos comuns (estudantes e profissionais da educação envolvidas/os nas duas cenas) com suas *artesdefazer* e maneiras de fazer, *usam* (Certeau, 2008) do que está nos currículos e apropriam-se para (re)inventar, diariamente, seus cotidianos.

Longe de pensar no currículo como um conjunto rígido de conteúdos e normas a serem seguidos ou como uma programação fixa para um curso ou matéria, consideramos o currículo a partir de uma abordagem dinâmica e contextualizada, distante do pensamento moderno cientificista. Essa perspectiva desafia as visões tradicionais e estruturais do currículo, descentrando a ideia de um modelo fixo e universal. Destacamos a necessidade de levar em conta os acontecimentos, as experiências, práticas e contextos dos sujeitos.

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

Não desconsideramos que as prescrições oficiais constituem-se como elementos que compõem os currículos, mas problematizamos esse entendimento, em acordo com Ferraço (2013, p. 94), com a intenção de desviar o foco da ideia de currículo como um documento oficial e expandi-lo para incluir a noção de currículo como um conceito mais abrangente e que se faz "[...] como redes de saberes, fazeres e poderes, tecidas e compartilhadas nos cotidianos escolares, que não se limitam a esses cotidianos, mas se prolongam para além deles, enredando diferentes contextos vividos pelos sujeitos praticantes".

Ao defender e propor a universalização dos conhecimentos e das práticas, as teorias curriculares se fundam no paradigma da ciência moderna, com sua exatidão, universalidade e determinismo. Assim, o currículo, pretensiosamente, torna-se apenas um elemento que define os conteúdos a serem trabalhados, sem considerar as multiplicidades reais dos contextos envolvidos. Caetano, Silva Junior e Goulart (2016, p. 134) chamam a nossa atenção para a "[...] necessidade de problematizar cotidianamente os conhecimentos universalizados pelos currículos que, mesmo quando coletivamente construídos, refletem os jogos de poder das/nas escolas".

A nossa pretensão aqui não é alcançar uma ideia fechada de currículo, mas problematizá-lo, pois "[...] trata-se de um conceito que não tem um sentido unívoco, pois se situa na diversidade de funções e de conceitos em função das perspectivas que se adotam o que vem a traduzir-se, por vezes, em alguma imprecisão acerca da natureza e âmbito do currículo" (Pacheco, 2005, p. 34). Pensamos nos currículos como expressão de múltiplas interações históricas e socioculturais, bem como redes complexas de representações e significados que, como *espaçostempos* legítimos de tessitura de conhecimento, (re)criam seus cotidianos.

Além disso, os currículos são atravessados pelas culturas e pelas realidades sociais, pois as relações e movimentos constituintes dos cotidianos envolvem transformação, confronto e, no caso das escolas pesquisadas, negociações de conhecimentos sistematizados. Ferraço (2013, p. 84), ao realizar uma pesquisa que problematiza os currículos realizados nos cotidianos de escolas públicas, considera que compreender as conexões entre cultura e currículo não significa avaliar se as/os docentes estão seguindo corretamente os documentos curriculares prescritivos pela Secretaria de Educação ou os projetos de ensino baseados nos aspectos culturais que deles decorrem. Tampouco se refere a apresentar propostas de ações e atividades para serem executadas nas salas de aula, mas "[...] implica problematizar as *teoriaspráticas* inventadas por esses praticantes durante os próprios movimentos de tessitura de suas redes" (Ferraço, 2013, p. 84).

Assim, o currículo, ao se constituir em campos de significações em redes, possui uma dimensão de processo cultural que não pode ser ignorada, sendo realizado dentro de contextos sociais, históricos, culturais e econômicos interconectados e influentes (Ferraço, 2013). Nesse sentido, reafirmamos que o currículo compreende não apenas um conjunto de diretrizes fixas, mas um processo cultural dinâmico que se faz em territórios de disputas e tensões. Isso implica que o currículo é continuamente (re)criado e (re)significado pelos sujeitos e contextos sociais, históricos e culturais em que é praticado.

Como redes, os currículos das duas escolas pesquisadas mostram a potência das culturas, os acirrados conflitos de agendas, assim como as possibilidades de resistência, enfrentamentos e os modos de burlar os enquadramentos neoconservadores. Para Oliveira, Ferrari e Mathias (2022), o currículo é algo que escapa, não se controla e não se prevê, consiste em um território em que a disputa é constante.

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

Temos visto com as cenas das duas escolas pesquisadas que os cotidianos são (re)inventados com práticas curriculares que podem oferecer contribuições pedagógicas significativas no que diz respeito aos modos de (re)interpretar as (des)ordens estabelecidas e reinventar as (re)existências. Ainda que agentes neoconservadores busquem impor limites, existem outras possibilidades protagonizadas pelos sujeitos que produzem *saberesfazeres* (Alves, 2001) tecidos na complexidade da escola cotidiana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisando com a/o outra/o, problematizamos as cenas cotidianas das escolas pesquisadas, compreendendo as narrativas docentes como possibilidade para percebermos as realidades. Mobilizamos os aportes teóricos não para validarmos uma suposta verdade, mas para interpretarmos os cotidianos vividos por sujeitos das escolas com compreensões abertas acerca das questões que atravessam as práticas curriculares.

Ao analisar como a aliança entre neoliberalismo e neoconservadorismo se manifesta nos currículos da educação básica, observamos que projetos alinhados a essas concepções estão afetando tanto as escolas quanto aquelas/es que dela fazem parte. As propostas do projeto Escola sem Partido, da educação domiciliar (*homeschooling*) e da militarização visam controlar as instituições de ensino, os currículos e as/os suas/seus praticantes, implementando agendas que frequentemente se opõem aos princípios democráticos. Elas apostam na obediência e na submissão por meio de relações verticalizadas, características das organizações militares, que trabalham na contramão da educação pública, gratuita e socialmente referenciada para todas as pessoas.

Ainda que estas concepções estejam presentes nas escolas tentando estabelecer uma ordem nas cenas cotidianas, existem outras (des)ordens reinventadas diariamente pelos sujeitos ordinários. Há resistências curriculares que burlam as (im)posições que intencionam interditar os debates sobre os modos políticos e culturais que formam as redes de *saberesfazeres dentrofora* das escolas.

Essa pesquisa nos chama a atenção para os avanços políticos dos movimentos neoliberais e neoconservadores na disputa pelos cotidianos escolares e para os enfrentamentos dos sujeitos praticantes dos currículos com (re)criações pedagógicas. Com isso, consideramos que as escolas, como *espaçostempos*, com seus currículos praticados, podem subverter o instituído e as estratégias antidemocráticas por meio de suas táticas tecidas pelos praticantes dos cotidianos.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma única história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.13-38.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 62-74, 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200005

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

BRASIL. *Bolsonaro assina projeto que regulamenta educação domiciliar*. Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília, s. a. Disponível em http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/educacao-domiciliar. Acesso em 23 set. 2024.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo*: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CECCHETTI, Elcio; TEDESCO, Anderson Luiz. Educação Básica em "xeque": *Homeschooling* e fundamentalismo religioso em tempos de neoconservadorismo. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2014816, 2020. DOI: https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.14816.026

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. "Regras são regras, mesmo quando elas não existem": pânico moral e multiculturalismo em práticas docentes. *Revista Espaço do Currículo*, v. 13, n. Especial, p. 834-848, 2020. DOI: https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54709

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR; Paulo Melgaço da; GOULART, Treyce Ellen Silva. "Eu me sentia assim, meio que excluído": performances hegemônicas e as dissidências na escola. *In*: MESSEDER, Suely; CASTRO, Mary Garcia & MOUTINHO, Laura (Orgs.). *Enlaçando sexualidades*: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 127-156.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo*. São Paulo: Cortez, 2008.

FERRAÇO, Carlos Eduardo (org.). *Currículo e educação básica*: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires. Rio de Janeiro: Rovelle, 2011.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículos, culturas e cotidianos escolares: afirmando a complexidade e a diferença nas redes de conhecimentos dos sujeitos praticantes. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v.31, n.60, p.81-103, 2013. DOI: https://doi.org/10.34112/2317-0972a2013v31n60p81-103

FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). *Aprendizagens cotidianas com a pesquisa*: novas reflexões em pesquisa no/do/com os cotidianos das escolas. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008.

FERRARI, Pri. *Coisa de menina ou coisa de menino*. 1. ed. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2017.

HARVEY, David. *O Neoliberalismo*: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

LACERDA, Marina Basso. *O novo conservadorismo brasileiro*. Porto Alegre: ZOUK, 2019.

MELGAR JUNIOR, Eduardo Garralaga; CORREA, Suelen Borges Loth; NEVES, Janaize Batalha. O balancê da sopa de legumes - (res)significações de uma refeição como presente. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 22, p. 190-201, 2021. DOI: https://doi.org/10.12957/teias.2021.61973

MIGUEL, Luis Felipe. Da "doutrinação marxista" à "ideologia de gênero" - Escola Sem Partido e as leis da mordaça no parlamento brasileiro. *Revista Direito e Práxis*, v. 7, n.3, p. 590-621, 2016. DOI: https://doi.org/10.12957/dep.2016.25163

MOREIRA, Helce Amanda; MOURA, Fernanda; TEIXEIRA, Pedro. *Homeschooling*, ensino de controvérsias e o novo conservadorismo brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, online, v. 52, e09693, 2022. DOI: https://orcid.org/0000-0002-4113-9821

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

OLIVEIRA, Danilo Araujo; FERRARI, Anderson; MATHIAS, Érika Kelmer. Onde querem medo, fazer-se bruta-flor: criações de possíveis no território curricular com gênero e sexualidade em tempos que amedrontam. *Currículo sem Fronteiras*, [s.l.], v. 22, p. e1801, 2022. DOI: https://doi.org/10.22420/rde.v16i35.1324

PACHECO, José Augusto. *Escritos curriculares*. São Paulo: Cortez, 2005.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução, *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2, 2008. DOI: https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel; VALIM, Paula de Lima. Neoliberalismo e Neoconservadorismo nas políticas educacionais para a formação da juventude brasileira. *Jornal de Políticas Educacionais*. v. 15, e82294, ago. 2021. DOI: http://10.5380/jpe.v15i0.82294

PERONI, Vera Maria Vidal. Relação público-privado no contexto de neoconservadorismo no Brasil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 41, e241697, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/ES.241697

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER; Christian (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: o sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER; Christian (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 1-46.

SANTOS, Graziella Souza dos. O avanço das políticas conservadoras e o processo de militarização da educação. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2015348, 2020. DOI: https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.15348.066

SILVA, José Rodolfo Lopes da; FERRARI, Anderson; CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. Masculinismo, neoconservadorismo e pedagogias culturais: investimentos em tradições, essencializações e naturalizações. *Currículo sem Fronteiras*, v. 22, e2189, 2022. DOI:10.35786/1645-1384.v22.2189

SILVA JUNIOR, Nelson. O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: o "Pacto edípico e pacto social", de Hélio Pellegrino, ao "E daí?", de Jair Bolsonaro. *In*: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER; Christian (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 215-254.

*Submetido em 27 de agosto de 2024*
*Aprovado em 18 de outubro de 2024*

**Informações das autoras**
Anderson Neves dos Santos
Universidade Federal de Pelotas
*E-mail*: andersonsantoseduca@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0842-2852
*Link* Lattes: http://lattes.cnpq.br/4609279784866994

Juliana Lazzaretti Segat
Universidade Federal de Pelotas
*E-mail*: julianalsegat@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2531-3890

Revista teias
ProPEd/Uerj | e-ISSN: 1982-0305 | ISSN: 1518-5370

**DOI:** 10.12957/teias.2024.86844
**e86844**

*Link* Lattes: http://lattes.cnpq.br/0189486372613264

Marcio Caetano
Universidade Federal de Pelotas
*E-mail*: mrvcaetano@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4128-8229
*Link* Lattes: http://lattes.cnpq.br/2262480943131351